

INQUÉRITO

Um menino de seus doze ou treze anos deteve, na rua, uma senhora minha amiga. Estava nervoso, com os olhos vermelhos, e disse: "Moça, ninguém está acreditando em mim; perdi meu dinheiro, estou pedindo a todo mundo dois cruzeiros para ir para casa e ninguém me dá. A senhora me dá?".

Ela estendeu uma nota de cinco cruzeiros — mas o rapazinho insistiu em que só precisava de dois. Como ela não tivesse trocado, ele pegou a nota, foi até um café, trouxe o troco. A senhora já se ia afastando, ele correu atrás, fez questão de lhe entregar os três cruzeiros. Como a senhora disse e que não era preciso, era melhor ele ficar com aquelas pratas, podia precisar para alguma coisa, ele se plantou em sua frente, trêmulo, olhando-a com um olhar de súplica:

— Por favor, dona, leva esses três cruzeiros. Leva, por favor. Eu quero ter a certeza de que a senhora não vai ficar pensando mal de mim!

A angústia desse colegial diante da possível suspeita de uma desconhecida é uma coisa muito compreensível em qualquer menino normal. Se achei que essa história, tão banal, valia a pena ser contada, é porque pouco antes de encontrar a minha amiga eu estava lendo várias coisas em um jornal sobre esse famoso inquérito do Banco do Brasil. O sr. Getúlio Vargas, que formou o escândalo, não o quer publicar; o sr. José Bonifácio parece querer, mas também não publica, e o fato de não publicar indica, em última análise, que ele não o quer fazer, ou só o quer fazer de certo modo; o sr. Nereu Ramos cria mil e um pretextos para impedir a publicação. E a propósito de tudo são feitas intermináveis tricas e futricas políticas.

Ora, essa questão não é mais política. Chegamos a um ponto em que o caso é apenas de decência, de vergonha, de brio. Se não houve rouba-lheiras, o sr. Getúlio Vargas deve ter a coragem de confessar que se enganou ao arnu-cia-las. Se houve, está no dever de denunciar e punir os que a praticaram. Se entre os acusados há inocentes e culpados, é preciso que se apure quem é uma coisa e quem é outra.

O que é necessário é parar com essa brincadeira, essa longa e funesta sassaricagem em torno de questões de honra. Aquê-lo menino da rua sofria de vergonha só ao pensar que uma senhora desconhecida poderia desconfiar dele. Será a politicagem um vício tão forte e terrível que desgasta essa sensibilidade, destrói esse mínimo de pudor, e faz da honra alheia — e em última análise da própria — simples carta no baralho das manobras e das conveniências?

Eu acho que, neste episódio, o sr. Getúlio Vargas está superando o seu próprio recorde de mediocridade moral.

6/18/52

R. B.